

SESSÃO 14 – ARTIGOS

LINGUAGEM E VERDADE EM NIETZSCHE: NOTAS

José de Ribamar Oliveira Costa¹

Resumo: Neste artigo, expõem-se a compreensão, em forma de notas, sobre a ideia de Linguagem e de Verdade em Nietzsche a partir do texto juvenil “sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral”. Parte-se da compreensão de que a linguagem fomenta um aparato lógico-gramatical que impõe formas, modos, forças, que atravessam o conceito de verdade como fixidez, como norma ou padrão de regularidade. Para Nietzsche, a linguagem não pode comunicar “o” sentido, a verdade de uma coisa, ou do objeto, ela serve como necessidade gregária e fomenta um padrão vulgar conceitual normativo.

Palavras-chave: Nietzsche; verdade; linguagem.

I

Friedrich Nietzsche pode ser considerado o filósofo contemporâneo que - após profundas críticas à metafísica e à tradição filosófica ocidental- revolucionou o pensar filosófico de várias épocas, principalmente, no que diz respeito à compreensão sobre a linguagem, tema constante em suas obras, constituindo-se, inclusive, em mote por traz da crítica à história da filosofia ocidental. Portanto, conhecer a perspectiva nietzscheana sobre a linguagem é, de certa forma, conhecer os fundamentos das discussões travadas neste século sobre o tema. Porém, antes de iniciar a exposição das ideias de Nietzsche sobre a linguagem, é mister que se faça um apanhado da crítica nietzscheana sobre a verdade.

Linguagem e verdade em Nietzsche: algumas anotações

A verdade é uma questão de suma importância para a Filosofia. Sobre o tema, Nietzsche faz uma crítica corrosiva, destacando uma leitura ousada e criativa. Segundo Soma (2007), Nietzsche, em seu texto “Sobre a verdade e a mentira em seu sentido extramoral”, indaga sobre a capacidade humana de produzir e adquirir conhecimento.

Nietzsche critica a ilusão do filósofo ou do pesquisador em acreditar que a linguagem, sobre a qual edifica suas bases teóricas corresponda, exatamente, às coisas. Como o próprio Nietzsche afirma “(...) *não possuímos nada mais do que metáforas das coisas.*” (SOMA, 2010, p. 93), isto é, a verdade é uma ilusão. É uma espécie de quimera que leva o homem ao adestramento, a uniformização de comportamento, pois é a verdade que monitora nossas ações, que pontua nossos julgamentos ao definir as regras do que é socialmente aceito.

Nietzsche afirma que, na sociedade, a verdade nasce para evitar a tese Hobbesiana da convivência humana no estado natural, ou seja, a luta pela sobrevivência que o autor de O Leviatã nomeou de “a guerra de todos contra todos”. Ela se faz, primeiramente, como uma imposição geral: a linguagem, ou melhor, o uso apropriado da linguagem.

Para Nietzsche, a verdade uma ilusão, que nasce, em grande medida, do desejo humano de encontrar uma relação adequada entre a palavra e o objeto (SANTOS, 2010, p. 90-1). A linguagem

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática do Instituto de Educação, Matemática e Ciência da UFPa. E-mail: ribapacto08@gmail.com.

se expressa nas relações das coisas com o homem. São metáforas que garantem ao homem o dizer sobre e das coisas, inclusive sobre a própria linguagem que só se define pelo uso de metáforas.

O homem se esquece que produziu as metáforas e as acaba, por fim, por entendê-las como naturais. A linguagem é um artifício do homem que, pela vivência em rebanho distancia-se da Natureza e acomoda-se em abstrações e edifícios conceituais na ilusão de possuir a verdade. O que vivemos é uma ilusão, um engano, de que existe uma causalidade entre a palavra e o objeto designado. É o uso ordinário das designações válidas que nos oferece a pretensa sensação de correspondência entre a palavra e o objeto, isto é, de que estamos de posse de uma verdade. (SOMA, 2007, p. 11).

Ao tratar da fixação humana pela posse da verdade, Nietzsche admite que toda a criação de metáforas obedeça às relações de espaço, de tempo e de número, e que essas relações são as formas pelas quais percebemos a realidade. Para Nietzsche, a fixação humana pela verdade é fruto da metafísica socrática que ao longo dos séculos foi propagada pelo Ocidente. Por isso, toda a história da metafísica é simultaneamente a história da busca do homem pela verdade, o que o aprisiona ao “encanto da gramática”. (SANTOS, 2010).

Segundo Nietzsche, a existência da sociedade está condicionada à obrigação de dizer a verdade, expressa moralmente no duelo humano entre: o impulso à verdade e a obrigação de seguir às convenções. O primeiro estaria diretamente associado ao ímpeto, movimento interno do indivíduo, uma espécie de reflexo da essência das coisas. O segundo à obrigação de mentir segundo convenções que remete à ideia de uma coerção imposta pela sociedade ao indivíduo, portanto um movimento externo originado nas próprias relações humanas.

Na concepção Nietzscheana, a verdade assim como a linguagem são convenções sociais. Nesse sentido, como afirma Bilate (2009), o homem é um “metaforeador”, que muitas vezes esquece seu papel de grande criador de metáforas e acaba caindo na crença da verdade absoluta. Essa foi uma das grandes contribuições de Nietzsche para os estudos linguísticos: a afirmação de que as palavras são maleáveis. A partir dessa ideia, os linguistas passaram a pensar na possibilidade de mudança do significado, o que explicaria fenômenos linguísticos como a metáfora e outras figuras de linguagem, por exemplo.

Essa interpretação filosófica que coloca em xeque a maleabilidade da palavra, que se faz presente na teoria linguista de Ferdinand Saussure que cria um esquema conceitual que facilita e muito a compreensão dessa “maleabilidade” da palavra. Para Saussure, o signo linguístico possui duas faces: o significante e o significado. A primeira face é a imagem acústica ou a imagem escrita da palavra, ou seja, sempre que se pronuncia ou se escreve uma palavra se está diante de um significante. A segunda face é o próprio sentido que a palavra carrega, ou seja, o que ela significa. De acordo com Bilate (2009),

Essa distinção conceitual e terminológica facilita e muito porque nos mostra a necessidade de termos cuidado com a interpretação de textos em geral, particularmente de textos filosóficos e, mais particularmente ainda, de textos nietzscheanos. Isso porque uma mesma palavra, quer dizer, um mesmo significante, usado durante séculos por toda uma tradição, pode ganhar diferentes sentidos ou significados ao longo do tempo em diferentes pensadores. Sem este cuidado, o interpretador pode cair e frequentemente cai na armadilha de acreditar que para cada significante deveria existir apenas um significado correto. (BILATE, 2009, p. 42).

Essa crença incondicional na existência de um significado absoluto para cada palavra. Bilate (2009) questiona se "Existiria, então, um sentido pré-existente ao homem, um sentido metafísico". A atribuição de um valor absoluto entre significado e significante vem da metafísica ser permanente e definitiva a m colagem, partindo-se da ideia da existência de uma verdade pré-estabelecida que é ao mesmo tempo histórica e imutável. Para Nietzsche a verdade e a linguagem estão envolvidas por certas fissuras, portanto elas não completam o sentido e nem o significado das coisas em si.

Referências

BAPTISTA, Ligia Pavan. Guerra e paz na teoria política de Thomas Hobbes. Ciello. 3º Encontro Nacional, abril de 2011.

BILATE, Danilo. Nietzsche contra a linguística metafísica: a defesa da maleabilidade da palavra. *Trilhas Filosóficas*, Natal/RN, jun. 2010. Disponível em: <<http://natal.uern.br/periodicos/index.php/RTF/article/view/1747>>.

<http://sites.unifra.br/Portals/1/ARTIGOS/ARTIGOS/Nietzsche_e_a_funcao_da_linguagem_corrigido.pdf>

NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 2005. Coleção Os Pensadores.

SANTOS, Ivanaldo. Nietzsche e a Linguagem. *Revista Saberes*, Natal/RN, v. 1, n. 4, 2010. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/saberes>>. Acesso em: 20 de abril de 2015.

SOMA, Fábio Pereira. Nietzsche e a função da linguagem e da história na busca da verdade. *Thaumazein*, Santa Maria/RS, v. 1, n. 2, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/thaumazein/article/view/179>>.

SUAREZ, Rosana. *Nietzsche e a linguagem*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.